

NACIONAL DE FOLCLORE

II SEMANA
ANTHROPOLÓGICA

ORGANIZADA PELO
CENTRO DE PESQUISAS
FOLCLÓRICAS "MARIO
DE ANDRADE", SOB OS
AUSPÍCIOS DA COMIS-
SÃO NACIONAL DE
FOLCLORE DO

I.B.E.C.C.



16 A 22 DE AGOSTO

Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

SEGUNDA SEMANA NACIONAL DE FOLCLORE

Em nome da Comissão Nacional de Folclore e do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", convidamos V.S. para comparecer às sessões da "Segunda Semana Nacional de Folclore", que se realizarão no salão nobre do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, à avenida S. João, 269, de 16 a 22 de agosto de 1949.

DIA 16, AS 20,30 HORAS

1 — Abertura a cargo da Banda de Música "Major Antão", do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, sob a regência do maestro Antonio Bento de Cunha: a) Veríssimo Glória — Dobrado "Major Antão"; b) José Pinto — "Cateretê Paulista" (documento recolhido pelo Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade" — idade: cerca de cinquenta anos; local — S. João da Boa Vista — Estado de S. Paulo).

2 — Palestra do Exmo Sr. Dr. Renato Almeida, secretário-geral da Comissão Nacional de Folclore, do IBECC.

3 — Documentos musicais registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", a cargo da srta. Ignez Simão: a) Ceci, minha bela Ceci (modinha — Iguatú — Estado do Ceará — idade: mais de trinta anos); b) Romance de Helena — D. Iria (romance — Cachoeira — Estado de S. Paulo — idade: cerca de quinze anos); c) Tava chovendo (lundú — Iguatú — Estado do Ceará — idade: mais de noventa anos).

4 — Documentos musicais registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", a cargo do conjunto "Luciano Gallet": a) Romance do Boisinho (romance — S. Paulo — Estado de S. Paulo — idade: mais de trinta anos); b) Lá no rio Beberibe (embolada — Itaguatú — Estado do Ceará — idade: mais de vinte anos); c) Jacaré está no caminho (embolada — Sertãozinho — Estado de S. Paulo); d) Sinhá Rita ou Chamarrita (solfa de dança — Mogi das Cruzes — Estado de S. Paulo — idade: mais ou menos uns cem anos).

DIA 17, AS 20,30 HORAS

1 — Conferência do Exmo. Sr. Prof. Dalmo Belfort de Mattos — "O Ciclo da Água no Folclore Paulista".

2 — Documentos musicais registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas “Mário de Andrade”, a cargo do conjunto “Luciano Gallet”: a) Mamãe eu fui ontem ao baile (toada — Fortaleza — Estado do Ceará — idade: vinte anos); b) Dusculino pegou uma mula (romance — Cuiabá — Estado de Mato Grosso — idade: vinte e poucos anos); c) Marido chegou da roça (toada — Brodovski — Estado de S. Paulo — idade: um ano).

DIA 18, AS 20,30 HORAS

1 — Conferencia da Exma Sra. D. Mariza Lira, da Comissão Nacional de Folclore — “A fixação da característica da nossa música popular”.

2 — Documentos musicais registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas “Mário de Andrade”, a cargo da srta. Ignez Simão: a) Romance do Antoninho (romance — Garça — Estado de S. Paulo — Época atual); b) A rolinha do mato (samba — Sorocaba — Estado de S. Paulo — idade: dois anos); c) Moreninha, si eu te pedisse (modinha — Cuiabá — Estado de Mato Grosso — idade: dez anos); d) Acordai donzela (serenata — S. Carlos — Estado de S. Paulo — idade: setenta anos).

DIA 19, AS 20,30 HORAS

1 — Documentário cinematográfico, acompanhado de comentários do Prof. Alceu Maynard Araujo: a) Moçambique, de S. Luís do Paraitinga (Estado de S. Paulo — Época atual); b) Jongo, de Cunha (Estado de S. Paulo — Época atual); c) Folia de Reis, de Areias (Estado de S. Paulo — Época atual); d) Dansa de Fitas e Ceramica Cabocla, de S. Luís do Paraitinga — Época atual).

2 — Documentos registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas “Mário de Andrade”, a cargo da srta. Ignez Simão: a) Era uma noite medonha (modinha — Cuiabá — Estado de Mato Grosso — idade: quarenta e cinco anos); b) O Amanhã (modinha — S. João da Boa Vista — Estado de S. Paulo — idade: mais de trinta anos); c) Tava na beira da praia (modinha — Sorocaba — Estado de S. Paulo — idade: mais de dez anos); d) Romance de Carlos e Rosa — Donzela (S. Paulo — Estado de S. Paulo — idade: vinte anos).

DIA 20, AS 20,30 HORAS

1 — Conferência do Prof. Rossini Tavares de Lima — “O Folclore

na obra de Mário de Andrade”, com ilustrações a cargo da declamadora, srta. Laura Della Monica.

2 — Documentos musicais registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas “Mário de Andrade”, a cargo da srta. Ignez Simão: a) Romance de D. Juliana — Bela Infanta (romance — Santos — Estado de São Paulo — idade: mais de vinte anos); b) Romance do Antoninho (romance — São Paulo — Estado de São Paulo — Época atual); c) Romance de D. Jorge (romance — São Paulo — Estado de São Paulo — idade: mais de trinta anos); d) Quantas vezes gravei o teu nome (modinha — Muzambinho — Estado de Minas Gerais — idade: cinquenta anos).

DIA 21, AS 17,00 HORAS

1 — Documentário cinematográfico acompanhado de comentários do prof. Alceu Maynard Araujo: a) Moçambiques, de S. Luís do Paraitinga (Estado de S. Paulo — Época atual); b) Coroação do Rei Congo, de Guaratinguetá (Estado de S. Paulo — Época atual); c) Cavalhada, de S. Luís do Paraitinga (Estado de S. Paulo — Época atual); d) Festa do Divino, de Sta. Isabel (Estado de S. Paulo — Época atual).

2 — Documentos tradicionais de “furiotas” paulistas, a cargo da Banda de Música “Major Antão”, do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, sob a regência do maestro Antonio Bento da Cunha; a) N. N. — Ai Cipriano — chótis; b) N. N. — Flôr do mal — valsa; c) I. Morandins — Não vou nisso — polca; d) A. Dias de Campos — Velódromo paulista — mazurca; e) Arr. de J. Antão — A mula preta.

DIA 22, AS 20,30 — SESSÃO DE ENCERRAMENTO E COMEMORATIVA AO 3.º ANIVERSÁRIO DO CENTRO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS “MÁRIO DE ANDRADE”

1 — Abertura da sessão, a cargo do sr. Oswald de Andrade Filho.

2 — Documentos musicais registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas “Mário de Andrade”, a cargo do conjunto “Luciano Gallet”:
a) A mulher é um diabo de saia (lundú — Friburgo — Estado do Rio — idade: mais de trinta anos); b) Mamãe eu sou solteiro (toada — S. João da Barra — Estado do Rio — idade: mais de trinta anos); c)

de S. Paulo — idade: mais de cem anos); Tia Generosa (“linha de sessão de terreiro — S. Paulo — Estado de S. Paulo — idade: mais de cem anos); e) Olha o rojão! (embolada — Jaú — Estado de São Paulo — idade: dez anos).

3 — Apresentação ao vivo de personagens do Moçambique de S. Luís do Paraitinga (Estado de S. Paulo) e Marujada de Iguape (Estado de S. Paulo), com comentários de prof. Alceu Maynard Araujo. Personagens do Moçambique: “Rei” — srta. Clarice Giannico; “General” — srta. Vilma Partiti; “Moçambiqueiros” — srtas. Selma Asprino e Terezinha Costa e Silva; “Tocador” de “caixa” — srta. Guiomar dos Santos. Personagens de Marujada “General” — srta. Ruth Garcia; “Capitão-inglês” — srta. Selma Asprino; “Padre-capelão” — srta. Annunciata Putignani; “Bandeireiros” — srtas. Pola Press e Angelina Stela Fuzzaro; “Capitão-patrão” — srta. Ana Helena Ubata; “Marujo” — srta. Terezinha Costa e Silva; “Rei mouro” — srta. Olinda da Silva Antunes; “Infante de Marrocos” — srta. Elza Gomes; “Mourinho” — srta. Itália Flaborea (os documentos musicais dessas duas dansas dramáticas foram escolhidos por Manuel Antonio Franceschini e Martin Braunwieser).

4 — Documentos musicais registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas “Mario de Andrade”, a cargo da Banda de Música “Major Antão”, do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, sob a regência do maestro Antonio Bento da Cunha: a) Dansa de Velhos de Franca (Estado de S. Paulo): Marcha, Palomita e Lanceiros (idade: mais de cinquenta anos); b) Polca (S. João da Bôa Vista — Estado de S. Paulo — idade: mais de trinta anos); c) Dansa de Velhos de Angra dos Reis (Estado do Rio): Marcha, Arrasta-pé e Chiba (idade: três anos).

TODOS OS DIAS — DAS 14 ÀS 20 HORAS

Exposição de material folclórico na séde do Centro de Pesquisas Folclóricas “Mario de Andrade”, à avenida S. João, 269, 3.º andar.

Durante a “Segunda Semana Nacional de Folclore” haverá programas comemorativos em várias emissoras locais, que, gentilmente, acederam ao pedido da Comissão Organizadora.

No domingo, dia 21, às 10 horas, haverá visita aos túmulos dos

grandes folcloristas paulistas Amadeu Amaral e Mário de Andrade.
Pela Comissão Organizadora

Rossini Tavares de Lima
Secretário-Geral da Sub-Comissão Paulista
Presidente do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade"

AIGUNAS VERSÕES DE ROMANCES ANTIGOS E UMA MODINHA



NENHUMA COISA É NACIONAL SI NÃO É POPULAR

Homenagem do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade" à Comissão Nacional de Folclore do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.



grandes folcloristas paulistas Amadeu Amaral e Mário de Andrade.
Pela Comissão Organizadora
Rossini Tavares de Lima

MARUJADA E MOÇAMBIQUE

Presidente do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade"

ALGUMAS VERSÕES DE ROMANCES ANTIGOS E UMA MODINHA



nenhuma coisa é nacional se não é popular

Homenagem do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade" à Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

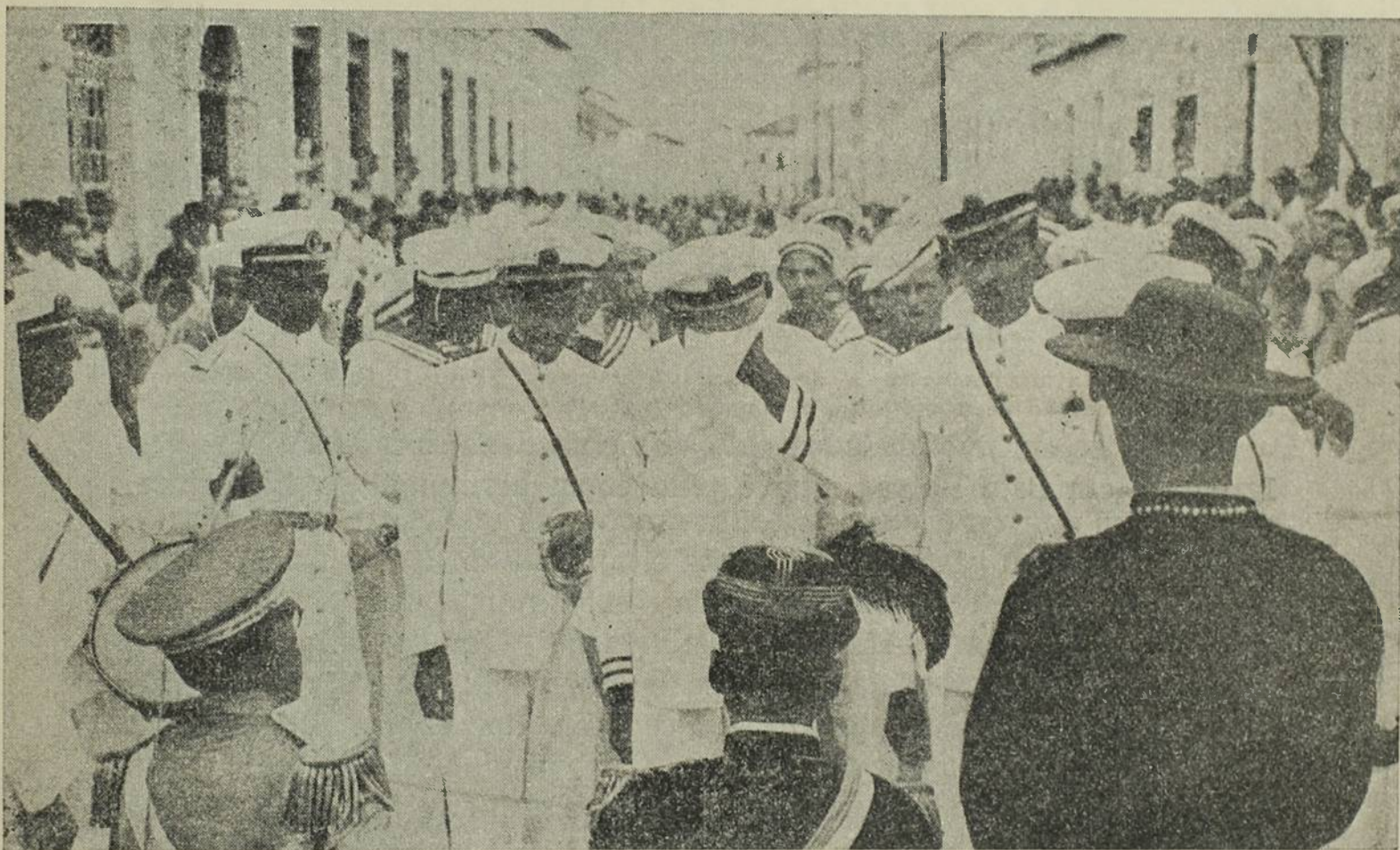


MARUJADA E MOÇAMBIQUE

A Marujada é um bailado popular antigo, originário de Portugal, ou transcrição de idéias tradicionais da época das grandes conquistas náuticas pelo bravo povo luso que, tecidas num ambiente novo, nos deu o auto, certamente escrito por semi-eruditos e que sofre na linguagem dos homens simples que o representam, as mais variadas deturpações.

Como em quase todos os bailados tradicionais, o elemento feminino também não entra na Marujada de Iguape.

Nota-se na Marujada, a fusão de várias tradições ibéricas e tais festeios rememoram a vitória das armas sobre o mouro invasor. É também a comemoração de uma vitória do catolicismo romano sobre



Representação da Marujada, numa das ruas de Iguape
o maometanismo, tese encontrada nas Congadas, Cavalhadas e até no Moçambique atual.



A indumentária assemelha-se à dos navais brasileiros. Nesta fotografia, vemos de costas, da esquerda para a direita, o “Capitão Inglês”, “General” e o “Padre Capelão”.

Sòmente em duas cidades paulistas encontramos a Marujada. Em Iguape e em Sete Barras, que é uma copia arruinada da iguapense. Aqui no sul do país não temos conhecimento da realização da Marujada noutros locais ao passo que no norte e nordeste do Brasil ela é encontrada com maior frequência, rotulada com os nomes de “Barca”, “Fandango”, “Chegança de Marujo”, “Catarineta”, “Nau”, etc..

Cerca de 70 pessoas tomam parte na Marujada: General ou General-Almirantado, Capitão Inglês, Padre-capelão, Rei Mouro, Principe ou Infante de Marrocos que também é o Embaixador, Capitão de Mar e Guerra, Ajudante de Ordens do Capitão Inglês, Piloto, Tenente, Guarda-Marinha, Bandeireiros (dois porta-bandeiras: um menino dos mouros e um moço dos cristão), Gageiro Grande, Médico, Dentista, Ajudante Laurindo, Comandante, Tocador de Caixa, de Tambor, de Rabeca, Vassalos (mouros: Irra e Delelário), Capitão-Patrão, Caretinha (ou Cozinheiro

ou Comissário), Cristãos (em número de trinta, todos trazem um rosário) também chamados Portugueses ou Marinheiros e os Mouros (vinte e quatro, não trazem rosário) também chamados de Infieis.



“Rei de Moçambique” empunhando o estandarte de São Benedito.

A representação é feita primeiramente defronte da Igreja de São Benedito, e depois nas praças. A data da representação do “auto de marujada” é aos 6 de Agosto, dia do encontro de São Bom Jesus de Iguape.

O moçambique antigo era uma dança de origem africana, dançada pelos escravos nos salões, antes do baile dos senhores brancos. Os dançadores, todos do sexo masculino - savam uma longa camisola branca

de algodão. A única participante feminina era a “Rainha”, em geral uma mucama ricamente enfeitada pela sua “sinhá dona”, portadora de uma salva de prata para angariar donativos para a Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos, após a exibição de seus irmãos de jugo.

Há notícias da realização dessa dança em alguns lugares do Estado de S. Paulo, várias cidades do Vale do Paraíba do Sul, Itapetininga, etc..

O Moçambique atual é diferente, (embora mantenha a mesma denominação), recebeu na sua evolução a influência portuguesa das antigas danças de salão: (carangueijo, ciranda, marrafa, rodagem, etc..), ameríndia: (dança do caiapó, bastão de bater e batidas de pé) e mesmo, lusa-africana: (congadas-formatura, alguns instrumentos, embaixada).

O fator econômico muito contribuiu para a sua modificação. Não tendo quem financiasse as participantes na feitura do camisolão, passaram eles a usar camisa e calças brancas comuns (branca é a cor predileta dos trajes dos pretos); os enfeites foram reduzidos a fitas de cores variegadas, predominando o vermelho e rosa (cor de N. S. do Rosario). Antigamente usavam dois pares de paias, hoje foram abolidos os dos braços talvez por sugerir algemas... O gorro vermelho parecido com chéchia de zuavo ficou reduzido a um barrete branco, bordado com linhas de cores. Passaram a dançar nas ruas e praças, descalços deixando de calçar meias pretas usadas nos salões dos escravistas e nas mãos livres, passaram a usar um bastão.

Parece-me que a zona do moçambique atual está circunscrita a uma só região do Estado de S. Paulo, a qual chamaremos de Zona



Tocadores de instrumentos — “Banda de Moçambiqueiros” da Companhia do Capivara, de Cunha.

Moçambiqueira: Cunha, Lagoinha, S. Luis do Paraitinga, Natividade da Serra, Redenção, Guaratinguetá, Taubaté, Jacarei, Santa Isabel.

A dança é feita em louvor a São Benedito. Está, portanto, rela-

cionada com os festejos católicos-romanos do lugar. Geralmente aparece por ocasião das festas do Divino e Semana Santa e, principalmente, no dia de São Benedito, que é a segunda feira depois da Ressurreição.

Os instrumentos musicais usados: violas, violões, cavaquinhos, caixinhas (tarolas) tamborim, adufes, rabeca, paia, nas ricas companhias de moçambiqueiros; nas pobres, apenas uma tarola. Os paias são usados por todos os dançantes, amarrando-os nas pernas a guiza de jarreteiros. Os implementos são: um apito, usado pelo mestre, um estandarte com a imagem de S. Benedito, bordada ou pintada, carregado pelo "REI", o único que anda calçado, e um bastão de madeira (guatambú) de um metro de comprimento, usado pelos dançadores. As vezes amarram fitas no bastão.

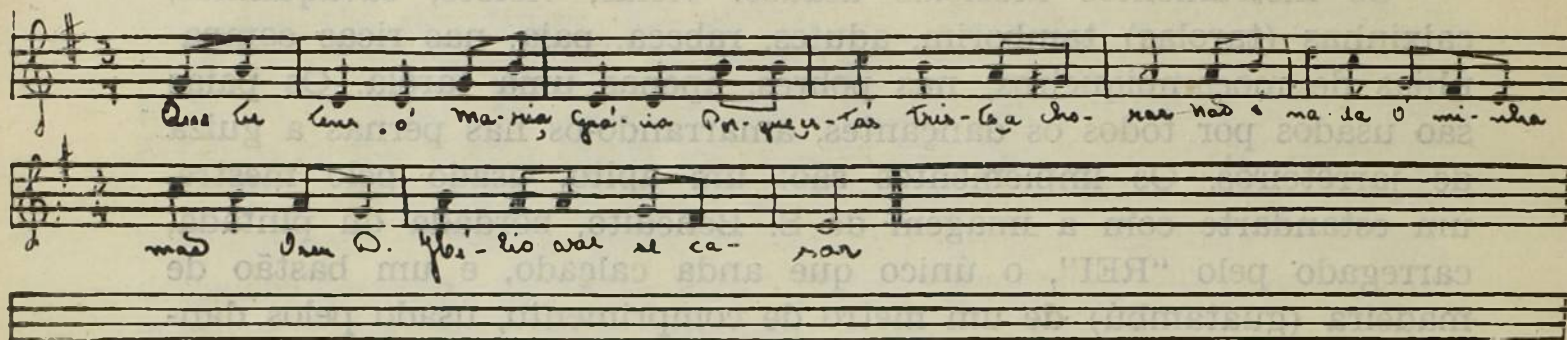
Os participantes são: Rei, Rainha (às vezes), Embaixador (às vezes), General, Contra-mestre, Capitães de linha e Moçambiqueiros ou dançadores de São Benedito.

ALCEU MAYNARD ARAUJO - do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade"



Em plena dança. "Nois incruza bastão, nois vira bastão, sinhô meus irmão" — cantam os moçambiqueiros de São Luis do Paraitinga.

Bairro da Luz (Capital — S. Paulo) — 1941.



— Que tu tens, ó Maria Gracia
Porque estás triste a chorar?
— Não é nada, ó minha mãe
O seu D. Hélio vai se casar.

— Eu bem te disse, ó minha filha,
Tu não me quizesste ouvir,
O seu D. Hélio tem a mania
Das mocinhas iludir.

Lá vem vindo seu D. Hélio
Montado no seu cavalo.
— Bom dia, Maria Grácia
Como é que tu tens passado.

— Eu já soube, seu D. Hélio,
Que com outra vai se casar?
— É verdade Maria Grácia
Eu vim pra te convidar.

— Espere um pouco seu D. Hélio
Enquanto eu vou lá no sobrado,
Tenho um cálice de vinho
Prá você tenho guardado.

— Que fizeste, ó Maria Grácia,
Com este cálice de vinho,
Tenho minha vista escura
Não enxergo mais o caminho.

DECLAMADO

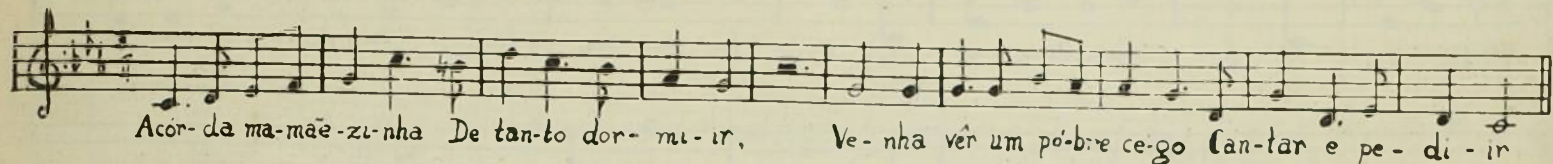
Morreu, morreu o seu D. Hélio,
Tudo já se acabou,
Por causa de dois amores
Nem uma, nem outra gozou.

CANTADO

Lá vem vindo Maria Grácia
No meio de dois soldados,
Vão prender a Maria Grácia
Porque matou seu namorado.

Nota — Esta versão do Romance de D. Jorge e Da. Juliana, "resto de um ciclo vetusto", como afirma Carolina Michaelis, foi recolhida por Wilma Partiti, do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade".

Lins — S. Paulo - 1947.



— Acorda mamãezinha
De tanto dormir,
Venha ver um pobre cego
Cantar e pedir.

— Se ele canta e pede
Dá-lhe pão e vinho
E diga ao pobre cego
Que siga o caminho.

— Não quero teu pão
Nem quero teu vinho,
Só quero que a menina
Me ensine o caminho.

— Espere um pouco,
Espere um pouquinho
Enquanto vou lá dentro
Pedir a mamãezinha.

— Vai-te minha filha,
Vai bem direitinha,
E tome a última benção
De tua mãezinha.

— Adeus, ó minha casa,
De porta e janelas,
Adeus, ó minha mãe,
Tão falsa que era.

— Ande tú menina
Mais um pouquinho,
Que lá na verde mata
Já é o caminho.

— Valha, ó meu Deus
Da Virgem Maria,
Estou ouvindo
Tropas de cavalaria.

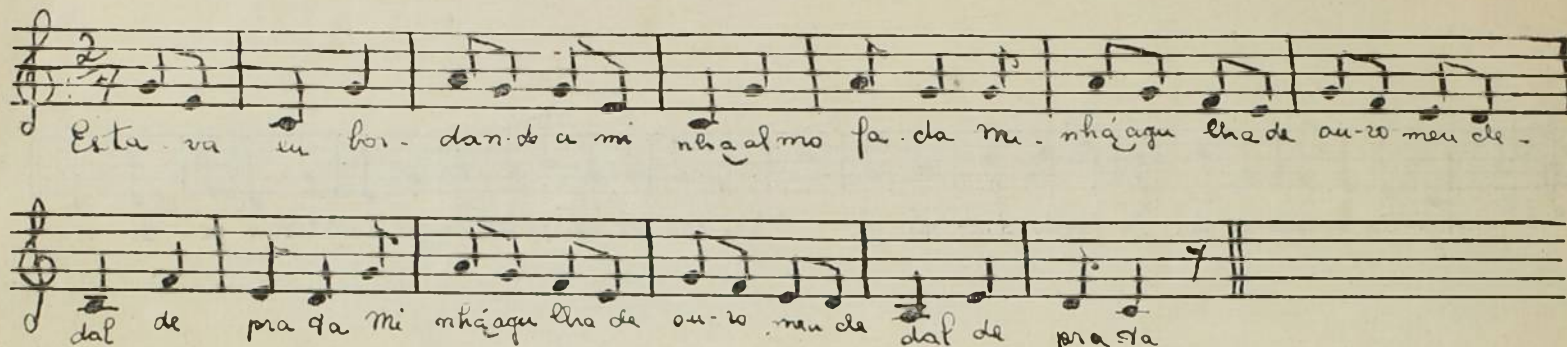
— Esconda tu menina
Debaixo desta capa,
Que por fóra é de farrapo
E por dentro é de prata.

— Valha, ó meu Deus,
Da Virgem Sagrada,
Nunca vi um pobre cego
De capa dourada.

— Eu não sou um pobre cego
Nem cego seria,
Eu sou aquele conde
Que te perseguia.

Nota — Esta versão do Romance do Cégo, que possivelmente provém de uma balada escocesa dos fins do século XVI, foi registrada por Rossini Tavares de Lima, do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade".

Caxambú (Minas Gerais) — há trinta anos mais ou menos.



Estava eu bordando
Minha almofada,
Bis (Minha agulha de ouro,
(Meu dedal de prata.

Passa um cavaleiro
Pedindo pousada,
Bis (Meu pai era um velhinho
(Humilde lhe dava.

Dei-lhe água nas mãos
Que ele se lavava,
Bis (E fizemos a ceia
(Conosco cejava.

Chegou a meia-noite
Ele me roubou,
Bis (De sentinela andava
(E nada me falou.

Andou sete léguas
E depois falou:
— Menina bonita,
Gorda e bizarra,
Lá em tua casa
Como te chamavas?

— Lá em minha casa
Helena fidalga,
Bis (E hoje por aqui
(Helena desgraçada.

Nota — Esta versão do Romance da Sta. Iria (Portugal) ou Sta. Helena (Espanha) foi recolhida pela srta. Irene Ferreira, do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade".

Arrancou o punhal,
E logo a matou,
Bis (E cobrindo-a de fôlhas
(No monte deixou.

Passou sete anos
Sem alí passar,
Bis (No fim de sete anos
(Tornou a voltar.

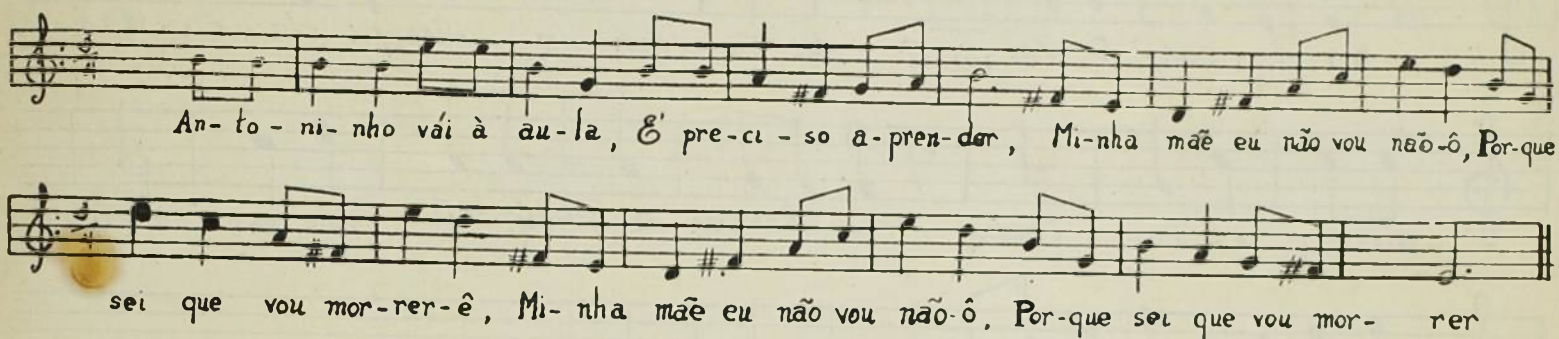
— Pastores dos montes,
Que gado pastais,
Bis (Que imagem é aquela
(Que vós adorais?

— É a Sta. Helena,
Que o traidor matou,
Bis (E cobrindo-a de folhas
(No monte deixou.

— Ó minha Sta. Helena,
Meu amor primeiro,
Bis (Dai-me a saúde,
(No braço direito.

— Darei-te mil penas
Ladrão carniceiro,
Bis (Que tu me degolaste
(Como a um cordeiro.
Sobe neste altar
E vá pedir a Deus,
Bis (Se Deus te perdoar
(Perdoarei-te eu.

Cachoeira — S. Paulo — 1930.



An-to-ni-nho vái à au-la, É pre-ci-so a-pren-der, Mi-nha mãe eu não vou não-ô, Por-que sei que vou mor-rer-ê, Mi-nha mãe eu não vou não-ô, Por-que sei que vou mor-rer

- Antoninho vai à aula
É preciso aprender.
- Minha mãe eu não vou não - ô
Porque sei que vou morrer,
Minha mãe eu não vou não - ô
Porque sei que vou morrer.

Nota — Esta versão do Romance de Antoninho, que matou o pavão do professor, foi recolhida da memória da escritora e folclorista Ruth Guimarães, por Rossini Tavares de Lima, do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade".

Barreiro do Rio Grande (Est. da Baía) - cantado desde 1918

mi-nhas car-ti-nhas que te dei tre-men-do Des-pe-da-ça-das
que-ro e-las Todas, mi-nhas car-a-nhas que te dei en-fim
Por Deus te pe-ço que esque-ça de mim

Minhas cartinhas que te dei tremendo
Despedaçada, quero elas todas,
Minhas cartinhas que eu te dei, enfim,
Por Deus te peço que esqueça de mim.

Estava sentada em teu colo frio,
Adormecida com o teu calor,
Se me disesse que eu eras um farso,
Chorava tanto, me casava em dore.

Ó ingratos tu está inludido,
(Ó) Pela joia que tu vai pagá,
Inda hei de ver-te arrependido,
Chorano tanto prá mi vim amá.

Nota — Esta modinha foi recolhida por Oswald de Andrade Filho, do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade". O Centro possui outras versões dessa modinha, de São Paulo e Minas Gerais.

